

## Seitas ou Novos Movimentos Religiosos: uma escolha metodológica

Alexandre Medeiros<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo faz parte de uma série dedicada a examinar Seitas, Cultos e Novos Movimentos Religiosos. Seu objetivo é discernir qual termo é mais pertinente conceitualmente para se pesquisar um grupo ou movimento desviante, fanático e perigoso. O artigo procura mostrar que esta escolha não é só uma opção, mas uma construção metodológica.

**Palavras Chave:** Seitas. Cultos. Novos Movimentos Religiosos. Fanatismo Religioso.

**Abstract:** This article is one of a series dedicated to examine Sects, Cults and New Religious Movements. This paper aims to find which word is more appropriate to designate a group or deviant, fanatic and dangerous movement. It tries to show that this choice is not only an option, but a methodological construction.

**Keywords:** Sects. Cults. New Religious Movements. Religious Fanaticism.

### Introdução

Emerson Giumbelli realizou suas pesquisas sobre movimentos religiosos controversos na França. Quando lá chegou, se deparou com a designação: Seitas. Esta categoria estava em jornais e revistas de grande circulação, além de documentários televisivos. O termo *Seita* também estava presente em: romances, peças de teatro, histórias em quadrinhos. Sem contar que o pesquisador do tema, como escreve Giumbelli, facilmente perceberia que nas bibliotecas francesas qualquer um ao buscar a temática em livros ou jornais, perceberia que a palavra chave para busca de movimentos desviantes é: *Les Sectes*. Ou seja, Seitas (GIUMBELLI, 2002, p. 63). Naquele país de acordo com Giumbelli

...as Seitas são quase sempre um problema ou um perigo, eventualmente um flagelo. Mesmo em textos de que se esperaria um enfoque mais equilibrado, domina uma conotação francamente acusatória [...] *Les Sectes* (GIUMBELLI, 2002, p. 64).

Gostaria de destacar que etimologicamente a palavra *Seita* está vinculada a duas raízes: *secta*, maneira de viver, e *sectum*, grupo constituído em ruptura com a Igreja. Na França as expressões ainda ganham destaque como: *Seitas* totalitárias, *Seitas* perigosas, *Seitas* manipuladoras, *Seitas* destrutivas, *Seitas* abusivas, *Seitas* sectárias (GIUMBELLI, 2002, p. 65).

Neste momento da pesquisa, proponho uma reflexão sobre o tema *Seitas*, e mais, considerar a escolha francesa: *Les Sectes* (GIUMBELLI, 2002, p. 64), olhando para a história da temática na construção de uma nova nomenclatura: Novos Movimentos Religiosos - NMR. A pergunta que faço é: será necessário ao pesquisador esquecer a expressão *Seitas* e adotar *NMR*? E por fim, qual nomenclatura está mais

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Religião – UMESp; Mestre em Ciências da Religião – UMESp; Especialista em Estudos Teológicos – UNASP; Licenciado em Educação – FPSJ; Bacharel em Administração de Empresas – UNIB.

carregada conceitualmente de sentido para se pesquisar um grupo ou movimento desviante, exclusivista e perigoso? Para responder estas e outras questões se faz necessário viajar para os primórdios da sociologia e as primeiras caracterizações de carisma e *Seitas* até Novos Movimentos Religiosos. Ricardo Mariano e Silas Guerriero nos auxiliarão neste processo.

## 1. Carisma

De acordo com Maria das Dores Campos Machado, “desde o surgimento da Sociologia, os pensadores vêm enfrentando o desafio de interpretar o fenômeno religioso e suas consequências para a vida social, mas os dois clássicos que mais contribuíram para a constituição de um campo de conhecimento específico sobre religião foram Durkheim e Weber” (MACHADO, 2003, p. 205).

Para Ricardo Mariano, estes “fundadores da sociologia”

...foram os que mais se dedicaram a investigar os fenômenos religiosos e seu impacto sociocultural e econômico. Ambos estabeleceram forte associação entre modernidade e declínio da religião no Ocidente europeu (MARIANO, 2003, p. 233).

Segundo Charles Lindholm, Max Weber “foi o primeiro a introduzir o termo *carisma* na sociologia, o primeiro a tentar analisar o conteúdo interior da personalidade carismática, o primeiro a afirmar que o *carisma* implica em uma relação entre o “grande homem” e seus seguidores, e o primeiro a inserir o carismático em um contexto social” (LINDHOLM, 1993, p. 39). De acordo com Max Weber:

Denominamos *carisma* uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (na origem, magicamente condicionada, no caso tanto dos profetas quanto dos sábios curandeiros ou jurídicos, chefes de caçadores e heróis de guerra) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a torna como enviada por Deus como exemplar e, portanto, como *líder* (WEBER, 2012, p. 158).

Weber analisa duas formas distintas de *carisma*: O carisma institucional e o carisma pessoal (LINDHOLM, 1993, p. 39-40). A primeira forma, “o carisma institucional [...] dá uma aura de poder sagrado a qualquer indivíduo detentor do direito de usar um paramento episcopal, ou sentar no trono real [...] O *carisma* [aqui] é uma força para legitimação das instituições e de indivíduos poderosos” (LINDHOLM, 1993, p. 39-40). Vejamos mais. Segundo Max Weber:

Denominam-se sacerdotes os funcionários de uma *empresa* permanente, regular e organizada, visando à influência sobre os deuses [...] Distingue-se os sacerdotes como capacitados por seu saber específico, sua doutrina fixamente regulada e sua qualificação profissional, daqueles que atuam em virtude de dons pessoais (*carisma*) e da prova destes milagres e revelação pessoal, isto é, de um lado, os magos e, de outro, os profetas (WEBER, 2012, p. 294).

A segunda forma de *carisma* é o *carisma pessoal*, “uma qualidade extraordinária de uma pessoa, independentemente do quanto essa qualidade é verdadeira” (LINDHOLM, 1993, 40). Sendo assim “o carisma desse tipo é revolucionário e criativo, correndo em épocas de crise social, abrindo caminho para um novo futuro” (LINDHOLM, 1993, p. 40). Para Max Weber este pode ser um *Profeta*. Ou seja, para Weber:

Por profeta queremos entender aqui o portador de um carisma puramente *pessoal*, o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma *doutrina* religiosa ou um mandado divino. Não queremos distinguir fundamentalmente entre o profeta que anuncia de novo uma revelação antiga (de fato ou suposta) e aquele que reivindica para si uma revelação totalmente nova, isto é, entre o renovador e o fundador de uma religião. Ambas as coisas podem estar entrelaçadas (WEBER, 2012, p. 303).

De acordo com Charles Lindholm, *carisma pessoal*, para Max Weber, “só pode existir em relação a seus seguidores, que o adoram. Assim Weber é obrigado [...] a pensar por que a personalidade carismática pode atrair discípulos, e é nesse ponto que formula suas principais contribuições” (LINDHOLM, 1993, p. 41).

Segundo Maria das Dores Campos Machado, Max Weber “tratava as crenças religiosas como um sistema de significados que deveria ser compreendido a partir dos sentidos atribuídos pelos próprios sujeitos que a elas aderiam”. Para ela, Weber “diferenciou a magia da religião e priorizou as fases iniciais da criatividade religiosa, utilizando as comparações para destacar as múltiplas visões de mundo das grandes civilizações”. Ou seja, Weber na compreensão de Machado estava “interessado primordialmente na relação entre doutrina e conduta”. Tanto é que ela diz que Weber “privilegiou a análise dos grupos religiosos na tentativa de compreender as relações entre os interesses materiais e ideais com as crenças religiosas” (MACHADO, 2003, p. 205).

Ao refletir sobre as religiões, Weber encontra o *carisma* (WEBER, 2012, p. 158), e conseqüentemente chega aos “movimentos carismáticos” (LINDHOLM, 1993, 40). Max Weber identifica que nestes movimentos as pessoas não seguem mais as instituições, mas o *líder* (WEBER, 2012, p. 158).

Ou seja, de acordo com Charles Lindholm, estas pessoas,

...não obedecem mais aos costumes ou à lei; em vez disso, os seguidores se submetem às exigências imperiosas de uma figura heroica, cujas ordens não são legitimadas pela lógica, nem pela posição do herói em qualquer hierarquia estabelecida, mas somente pelo poder de comando do indivíduo carismático (LINDHOLM, 1993, p. 40).

Weber percebe que estes movimentos se separavam da igreja instituída e da sociedade (WEBER, 2004, p. 289-290), o que ele nomeou de *Seitas* (WEBER, 2004, p. 243).

## 2. Seitas

Como vimos, ao introduzir o *carisma* nas reflexões sociológicas, Max Weber “estudou os conceitos *Seita* e *Igreja*”. Sendo que “sua principal análise de Seita, em

contrapartida com a Igreja, teve como ponto central as rupturas do cristianismo no Ocidente, em especial o protestantismo ascético” (GUERRIERO, 2006, p. 31). Weber, ao estabelecer seus conceitos de *Carisma* (2012, p. 303) e *Seita* (2004, p. 243), identifica segundo Lindholm, que “o carismático [...] só pode existir, em relação a seus seguidores, que o adoram” (LINDHOLM, 1993, p. 41).

De acordo com Silas Guerriero, Weber identificou que “o principal atributo de *Seita* é o de ser uma comunidade voluntária de eleitos. Outra característica importante é seu tamanho, pois apenas a comunidade local poderia julgar, a partir de um exame pessoal, sobre a qualificação ou não de um de seus membros. Isso só poderia se dar em comunidades relativamente pequenas” (GUERRIERO, 2006, p. 31). Para Guerriero outro ponto identificado por Weber que caracteriza uma *Seita*, “diz respeito ao esforço empreendido na manutenção da pureza da comunhão com o sagrado, exigindo disciplina extremamente severa, muito mais rigorosa que a de qualquer Igreja. Weber percebeu que nas *Seitas* protestantes só eram admitidas pessoas cujo modo de vida parecesse eticamente qualificado. Assim, a *Seita*, ao contrário da Igreja na qual nasce, supõe um certificado de qualificação ética para a pessoa” (GUERRIERO, 2006, p. 31).

Para Silas Guerriero, podemos contar ainda com Enerst Troeltsch<sup>2</sup>, contemporâneo de Weber, para talvez buscarmos uma maior compreensão no que se refere ao uso sociológico dos termos *Seita* e *Igreja*.

...a Igreja promove a estabilidade e ordem social. Sua atuação abrange toda a sociedade, não distinguindo classe social; porém, para garantir sua sobrevivência como instituição abrangente, necessita se associar às classes dominantes. A seita, ao contrário, está vinculada às classes dominadas ou àqueles elementos da sociedade que se opõem à ordem estabelecida e ao Estado. A Igreja administra a graça e se situa acima dos indivíduos, insistindo em seu caráter de permanência e transcendência. Está integrada ao mundo, à sociedade [...] A seita, ao contrário, adota uma atitude de indiferença ou até mesmo de resignação ou animosidade diante do mundo, do Estado e da sociedade [...] A seita está em tensão com o mundo (GUERRIERO, 2006, p. 31).

Outra característica que Weber identifica ao analisar *Seita* e *Igreja*, é que as igrejas eram organizadas e institucionalizadas, enquanto as *Seitas* eram pequenas comunidades organizadas voluntariamente (WEBER, 2004, p. 243). Segundo Weber, as *Seitas* eram *Seitas*,

...porque em geral a comunidade religiosa, só podia ser organizada voluntariamente, ou seja: como seita, e não institucionalmente: como Igreja, porque ela devia evitar incluir os não regenerados, afastando-se com isso do modelo da antiga cristandade (WEBER, 2004, p. 243).

De acordo com Max Weber, é claro que as *Seitas* sempre rejeitaram esta designação (WEBER, 2004, p. 242).

---

<sup>2</sup> Mostrando a cumplicidade no uso dos conceitos entre Max Weber e Enerst Treeltsch. Weber diz: o conceito de *Seita* aqui usado foi empregado quase ao mesmo tempo e – suponho – independentemente de mim, [...] Troeltsch [...] que aceita-o e entra em minúcias a respeito (WEBER, 2004, p. 243).

Segundo Antônio Flávio Pierucci ao comentar o conceito de *Seita* em Max Weber na edição comentada *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Weber entendia *Seita* como:

...uma associação voluntária de indivíduos religiosamente qualificados. Círculo restrito e religiosamente elitista, a seita é uma espécie de aristocracia religiosa, que faz da comprovação explícita de determinadas qualidades morais uma condição distintiva de admissão e participação. À palavra seita se atribui dupla origem etimológica: os verbos latinos *sequi* seguir, ir atrás de, obedecer, e *secare*, cortar, separar cortando, dividir. Mediante processo seletivo altamente excludente, a seita separa, desencaixa os indivíduos de suas comunidades naturais, das redes sociais e valorativas de sua existência prévia e os mergulha num novo contexto grupal que demanda de cada membro adesão total e controle sobre os demais (WEBER, 2004, p. 289-290).

Para Max Weber, todas as comunidades sectárias,

...queriam ser comunidades puras no sentido de uma conduta imaculada de seus membros. O afastamento interior perante o mundo e seus interesses e a submissão incondicional ao domínio de Deus que nos fala à consciência eram as únicas marcas infalíveis de uma efetiva regeneração, e a conduta correspondente, por conseguinte, um pré-requisito da bem-aventurança [...] ela impunha um determinado comportamento exterior (WEBER, 2004, p. 134).

Esse estilo de vida ascético significava, porém, como vimos, precisamente uma conformação *racional* de toda a existência, orientada pela vontade de Deus [...] Essa singular vida dos santos, cobrada pela religião e distinta da vida natural, passava-se – o decisivo é isto – não mais fora do mundo em comunidades monásticas, senão *dentro* do mundo e suas ordens. Essa *racionalização* da conduta de vida no mundo mas de olho no Outro Mundo é o [que caracteriza o] protestantismo ascético. (WEBER, 2004, p. 139).

De acordo com Maria das Dores Campos Machado, Max Weber “deixa claro que seu empenho em entender as crenças religiosas seria uma decorrência do postulado de que as mesmas orientavam as ações humanas [...] As recompensas eram atribuídas a quem se provava perante Deus, no sentido de alcançar a salvação [...] e provar-se aos homens no sentido de manter a posição social dentro das *Seitas* puritanas [...] Sem possibilidade de intervir no processo de concessão da graça, sem intermediário ou qualquer das outras formas tradicionais de assegurar-se da salvação, restava ao puritano desenvolver formas de autocontrole e um comportamento ascético com intuito de minimizar a angústia com relação à sorte depois da morte” (MACHADO, 2003, p. 210).

Max Weber entendeu que,

...nessa rigorosíssima observância da Bíblia não se achavam bases assim tão firmes onde apoiar o caráter pneumático da religiosidade. Daí que, no fim das contas, aquilo que Deus revelou aos profetas e aos apóstolos não era mesmo tudo o que ele podia e queria revelar [...] Com

isso se punha de lado, não a validade da Bíblia, mas sim sua autocracia e, no mesmo passo, iniciava-se uma evolução que varria radicalmente todos os resquícios da doutrina da salvação por via eclesiástica (WEBER, 2004, p. 133).

Para Max Weber “a realidade, entretanto, não estaria nas forças externas que a sociedade exerce sobre os indivíduos”. Sendo assim Weber percebeu “que as ações e decisões humanas se pautam no sentido que ele atribui a elas e também às ações dos outros”. Desta forma “o homem social é dotado de comportamento significativo e é responsável perante a história por seus atos” (*Apud* MACHADO, 2003, p. 206).

Sendo assim, Max Weber viu que os membros sectários impunham sobre suas vidas:

Rigorosa *evitação* do mundo [...] brusco rompimento com todo contentamento com o mundo e uma vida segundo o estrito modelo dos apóstolos (WEBER, 2004, p. 132).

### 3. Novos Movimentos Religiosos - NMR

Depois das reflexões sobre *Carisma, Seita e Igreja* (WEBER, 2004; 2012), a pesquisa sociológica se deparou com os limites que estas nomenclaturas apresentavam. Os movimentos não se reconheciam como *Seitas* (WEBER, 2004, p. 243), os grupos religiosos usavam esta nomenclatura para apontar e desprezar a religião dos outros (GUERRIERO, 2006, p. 34), além do que, *Seita* sempre são os outros (GIUMBELLI, 2002, p. 65).

Foi na década de 1970 que a nomenclatura – Novos Movimentos Religiosos – NMR, começou a ser mais utilizada (GIUMBELLI, 2002, p. 18). Primeiramente para fornecer uma expressão livre do peso pejorativo que as formulações teológicas davam às *Seitas* (MARIANO, 2003, p. 237), depois por abarcar um número cada vez maior de grupos que não eram até então identificados (GUERRIERO, 2006, p. 111-132).

Ricardo Mariano destaca que Max Weber deu “grande atenção à religião em suas reflexões”. Inclusive “a religião esteve no centro das investigações teóricas e históricas na formação da Sociologia entre as décadas finais do século XIX e as primeiras do século XX” (MARIANO, 2003, p. 233).

Mas, segundo Mariano, foi nas últimas décadas que:

...renovou-se o interesse da Sociologia pela pesquisa do religioso e por sua influência sobre as relações de gênero, as identidades étnicas, a política, a democracia, a luta por reconhecimento e por direitos de cidadania, e daí por diante. Vários fatores contribuíram para isso, entre eles a emergência da pluralização e da politização das identidades religiosas, o recrudescimento do ativismo político e eleitoral de agentes religiosos, a acelerada expansão de grupos fundamentalistas em várias partes do mundo, a irrupção dos novos movimentos religiosos (MARIANO, 2003, p. 234-235).

Importante destacar que o conceito de novos movimentos religiosos, que aparece na citação de Mariano, “está diretamente relacionado ao de *Seita* ou culto”. É certo que para alguns estudiosos, “esses dois termos são utilizados indistintamente e definem um agrupamento religioso diferente daqueles tradicionais, geralmente nascidos a partir de um protesto contra uma ordem estabelecida. Os termos *Seita* e

*Culto* representam uma ruptura, uma separação diante das crenças, práticas e instituições religiosas” (GUERRIERO, 2006, p. 28).

Segundo Ricardo Mariano,

Fonte a um só tempo de críticas às teorias da secularização e de renovação da reflexão sociológica sobre o religioso<sup>3</sup> [...], derivou do surgimento dos novos movimentos religiosos (NMR) [...] Abrangendo fenômenos e grupos religiosos os mais disparatados, a expressão novos movimentos foi adotada pelos sociólogos ainda na década de 1970 como recurso para evitar as conotações teológicas e normativas dos termos *seita* e *cult* [...] Os mais importantes estudos sociológicos sobre NMR [...] tiveram por foco as controvérsias, os conflitos jurídicos, as campanhas anticultos e as reações políticas e midiáticas que eles suscitaram, bem como as representações sociais a respeito da lavagem cerebral, da manipulação psicológica, da violência e da exploração atribuídas a tais movimentos [...], além da formação de entidades antisseitas por parte de dissidentes religiosos e familiares de adeptos (MARIANO, 2003, p. 238).

Como já estamos percebendo, *Carisma, Seita, Igreja* (WEBER, 2004; 2012), *Culto e Novos Movimentos Religiosos* (MARIANO, 2003, p. 238), são expressões que vão se misturando e se completando numa tentativa de compreender o fenômeno religioso nestes últimos tempos.

Para Silas Guerriero,

Temos tratado, até aqui, de novas religiões, seitas, [...] NMRs e já percebemos que estamos, no fundo, falando de coisas muitas vezes extremamente diferentes. Esse é um problema do conceito de novos, que tenta dar conta de tudo, o que é novo e diferente no campo religioso. Mas, devido à própria diversidade das religiões atuais, podemos facilmente nos perder (GUERRIERO, 2006, p. 28).

Para Ricardo Mariano,

...os próprios efeitos do processo de secularização sobre as religiões tradicionais seriam, ao menos em parte, responsáveis pelo *boom* dos NMR [...] Por outro lado, ao mesmo tempo em que corrói as velhas bases tradicionais e conformistas da participação religiosa, a secularização abre espaço para conversões e engajamentos religiosos de viés fundamentalista (MARIANO, 2003, p. 238).

Acontece que esta nomenclatura – Novos Movimentos Religiosos (NMR), que tinha a tarefa de tirar do termo *Seita* o sentido pejorativo (GUERRIERO, 2006, p. 30) e de valoração teológica negativa (MARIANO, 2003, p. 238), logo também começou

---

<sup>3</sup> O fato que deslanchou abruptamente o revisionismo dessa teoria foram os atentados terroristas realizados por radicais islâmicos contra as torres gêmeas em 2001 e contra outros alvos ocidentais. A teoria da secularização perdeu, assim, o status de conhecimento quase autoevidente, e seus defensores se viram na contingência de ou assumir uma posição reativa e defensiva ou de rever, atualizar e robustecer suas teorias à luz dos novos saberes e conhecimentos (MARIANO, 2003, p. 236).

a dar sinais de que não estava dando conta do fenômeno religioso na sua totalidade. De acordo com Silas Guerriero,

...esta tipologia foi muito utilizada para descrever os primeiros novos movimentos religiosos, mas depois acabou evidenciando alguns de seus limites [...] Essas novas religiões passam a se integrar ao *ethos* do mercado da sociedade ocidental. A própria religião passa a ser um bem de consumo que precisa oferecer algum atrativo a clientes potenciais. A separação radical da sociedade não é mais uma marca característica (GUERRIERO, 2006, p. 33-34).

A tentativa de livrar os Novos Movimentos Religiosos de sentido pejorativo, logo foi se extinguindo. Segundo Ricardo Mariano :

Suicídios coletivos de membros do Templo do Povo em Jonestown e de adeptos da Ordem do Templo Solar na França, da morte de Davidianos no Texas e do ataque terrorista com gás sarin no metrô de Tóquio, realizado por membros da Aum Shinrikyo, contribui decisivamente para difundir todo tipo de preconceito contra os NMR, questionar seu caráter religioso e considerá-los desviantes, anômalos e perigosos. Tais concepções ampliaram o terreno para que se generalizassem as acusações de uso de técnicas de manipulação e de lavagem cerebral para recrutar e reter adeptos, de exploração financeira, de abuso sexual, de prática de maus-tratos, de desrespeito às liberdades civis e aos direitos humanos (MARIANO, 2003, p. 238).

Portanto, percebemos que os Novos Movimentos Religiosos – NMR, mais uma vez se misturam aos significados clássicos de *Seitas* (WEBER, 2004). Além do que, NMR começa a apresentar sinais que não consegue dar conta da temática (GUERRIERO, 2006, p. 33-34). Como vimos o peso negativo apontado por Mariano para a expressão NMR foi intenso e problemático (MARIANO, 2003, p. 238). A expressão: “Novo” apresentou sérios problemas. O Movimento que é Novo na China pode ser muito antigo na Palestina. Da mesma forma o que é Novo na África, pode ser extremamente antigo na Europa. O que é Novo no Brasil pode ser milenar no Japão. Na Índia pode ser novo, mas nos EUA faz parte de sua formação (GUERRIERO, 2006, p. 36-41).

Como escreve Silas Guerriero,

Portanto, a novidade religiosa é sempre relativa ao tempo e ao lugar em que surge (GUERRIERO, 2006, p. 41).

### **Considerações finais**

De acordo com Silas Guerriero os Novos Movimentos Religiosos – NMR,

...são extremamente diversos. Qualquer tentativa de classificação será sempre limitada. Em um olhar mais apressado, aparentemente temos clareza do que se trata. Praticamente todos nós já sabemos o que é um NMR. Porém, quanto mais focamos nosso olhar e tentamos mergulhar para baixo da linha da superfície, mais nossos olhos ficam turvos. O



fenômeno insiste em ser cada vez mais complexo, confundindo-nos ainda mais. Saímos da experiência com a sensação de incompreensão. Mas isso não satisfaz a Ciência da Religião. É preciso procurar alguns contornos, algumas regularidades e tendências. Só dessa maneira estaremos não apenas atuando de acordo com os métodos científicos, mas contribuindo para elucidar melhor o que anda acontecendo em termos religiosos em nossa sociedade (GUERRIERO, 2006, p. 44).

Pensando nisto, identificamos que as tentativas em deixar de lado a nomenclatura *Seita* não iria contribuir para as pesquisas, nem muito menos jogarmos na lata do lixo toda a pesquisa feita na tentativa de substituição por Novos Movimentos Religiosos. Mas se trata sim, de um novo olhar para todas as teorias desenvolvidas até aqui dentro da temática *Seita* e *NMR*. Vale neste momento, optar pelo nome que melhor representará o objeto que será pesquisado, buscando todas as contribuições necessárias.

Como diz Michael Foucault,

E se quisermos, não digo apagar esse temor, mas analisá-lo em suas condições, seu jogo e seus efeitos, é preciso, creio, optar por [...] questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento (FOUCAULT, 2012, p. 48).

Sendo assim não deixarei de fora que as

As seitas [para Troeltsch] atribuem a si mesmas um caminho verdadeiro, a única via para chegar à verdade suprema. O indivíduo passa a desconsiderar, portanto, todos os demais compromissos sociais que um dia se fizeram presentes nele, como a família, a tribo, a classe, entre outros. A autoridade evocada por uma seita [segundo Troeltsch], pode ser a suprema revelação de um líder carismático, mas pode ser, também, uma releitura ou reinterpretação das Escrituras ou, até mesmo, a ideia de que os verdadeiros fiéis obterão a revelação por si mesmos se seguirem os caminhos apontados pelo grupo (GUERRIERO, 2006, p. 32-33).

Da mesma forma que não posso ignorar que:

Os escritores de língua inglesa utilizam mais o termo *culto* do que *seita*, mas o sentido permanece inalterado. Por outro lado, há estudiosos que fazem uma separação entre *seita* e *culto*. Este último é todo novo agrupamento religioso, ainda pouco estruturado, a seita é uma cisão de uma grande religião. Esse uso do termo é mais adequado ao seu significado original. *Seita* vem do latim *sectare*, que significa cortar (GUERRIERO, 2006, p. 29).

Mesmo sabendo que “apesar de sociologicamente correto, o termo *Seita*”, muitos autores tem abandonado esta expressão, e cada vez mais “tem sido menos utilizado na literatura especializada nos estudos das novas religiões justamente por essa conotação negativa” (GUERRIERO, 2006, p. 30), ousou sugerir a utilização da

expressão *Seitas* e *Cultos*, por entender, que apesar de suas limitações é a expressão que mais identifica os movimentos desviantes, exclusivistas e perigosos.

Segundo Silas Guerriero:

A *seita* ou *culto* é um grupo religioso pouco estruturado agrupado em torno de um líder carismático que traz, em geral, uma mensagem de inovação. O compromisso do fiel para com a *seita* é voluntário, pois se trata de uma adesão que este faz rompendo com seu passado religioso. Muitas vezes essa ruptura é radical, implicando um isolamento e crítica ao mundo exterior e às outras práticas religiosas. O comportamento sectário é rígido na disciplina e por vezes obriga o convertido a assumir uma nova identidade, divergindo das demais pessoas pelo uso de vestimentas próprias, novo corte de cabelo (GUERRIERO, 2006, p. 28-29).

Esta opção ainda é por perceber que os Novos Movimentos Religiosos – NMRs “são extremamente diversos. Se isso dificulta sua própria contagem estatística, mais ainda pode ofuscar nossa compreensão sobre eles [...] Não há uma resposta certa sobre o que é ou não um NMR. As definições são mais ou menos úteis ou, ainda, mais ou menos verdadeiras”, até mesmo a demarcação da data<sup>4</sup> que um movimento pode ser considerado NMR (GUERRIERO, 2006, p. 35).

Neste momento se faz necessário destacar que juntamente com a adoção da nomenclatura *Seita* e *Culto*, precisamos ampliar as possibilidades de análise. Uma opção por outra ciência, ainda que próxima à sociologia nos permitirá observar mais adequadamente o objeto, sem dispensar as ferramentas sociológicas, mas possibilitando, ou ampliando margens de visão. Aconselharia para a pesquisa de movimentos religiosos exclusivistas, desviantes e perigosos - a Antropologia. Pois nos permitirá acrescentar aos fundamentos sociológicos, outras áreas que pertencem ao (ser) humano.

De acordo com Silas Guerriero:

A religião sempre esteve presente como tema nos estudos antropológicos [...] A Antropologia se caracteriza pelo estudo do outro, do contato com a alteridade. Parceira da Sociologia, insere-se no campo das disciplinas auxiliares da Ciência da Religião no que tange à dimensão sociocultural do fenômeno religioso (GUERRIERO, 2013, p. 243).

Destaco dois antropólogos que observam o fenômeno religioso, sem abrirem mão dos conceitos sociológicos, mas que ampliam suas reflexões com outros autores e outras ciências. Charles Lindholm da Universidade de Boston e Emerson Giumbelli da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Além do filósofo da educação Jean

---

<sup>4</sup> Assumindo uma postura pragmática, [define-se] NMR como novo se este movimento se tornou visível a partir da Segunda Guerra Mundial. Alguns autores definem Novo como posterior à Segunda Grande Guerra. Outros, após as décadas de 1950 ou 1960. Ou até mesmo 1970. Fraçoise Champion fala dos grupos surgidos após a década de 1960. Afirma que muitos podem até ter surgido antes, mas que permaneceram inexpressivos e despercebidos até essa data [...] Outros autores falam de um período muito mais amplo, a partir da metade do século XIX, possibilitando, assim, a inclusão de movimentos como Testemunhas de Jeová, Teosofia e Ciência Cristã (GUERRIERO, 2006, p. 37-38).

Lauand da Universidade de São Paulo, que pesquisam a temática e se dedicam ao tema das *Seitas*, sem perderem de vista o (ser) humano.

Pois como diz Silas Guerriero:

Esse alvorecer da ciência do *antropos*<sup>5</sup> não foi o de uma Antropologia da Religião de forma exclusiva. Para muitos antropólogos não se pode falar numa Antropologia da Religião propriamente dita, pois a Antropologia se ocupa de várias temáticas. O que caracteriza esta ciência seria o estudo da espécie humana em geral ou daquilo que ela carrega de especificidade, ou seja, a própria diversidade de comportamentos [...] Economia, política e também crenças, mitos, ritos e, por assim dizer, religião (GUERRIERO, 2013, p. 246).

Acredito que esta decisão metodológica é válida para uma pesquisa científica do fenômeno religioso, pois a antropologia não está preocupada “com a verdade ou falsidade do pensamento religioso, uma vez que as crenças são fatos sociais. Acrescenta-se, ainda, a preocupação com os hábitos, práticas e costumes desses mesmos grupos advindos desses sistemas [...] A função social da religião é independente da sua verdade ou falsidade. Todas as religiões, por mais excêntricas que possam parecer, desempenham papéis importantes no mecanismo social” (GUERRIERO, 2013, p. 247), sejam benéficos, sejam danosos.

Segundo Silas Guerriero:

Com a Antropologia a sociedade aprendeu a olhar sempre de maneira mais crítica para aquilo que tenderia a ser visto como algo absolutamente natural [...] Hoje, as mais diferentes formas de religiosidade são objetos de estudo dos antropólogos. As sociedades mantêm e reinventam antigas religiões ao mesmo tempo em que novas surgem a todo o momento [...] Atualmente a Antropologia se abre a novos diálogos com outras ciências no estudo das religiões (GUERRIERO, 2013, p. 251 e 254).

## **Bibliografia**

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*, (02/12/1970), São Paulo/SP: Ed. Loyola, 2012

GIUMBELLI, Emerson. *O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França*, São Paulo/SP: Attar Editorial, 2002

---

<sup>5</sup> Do grego ἄνθρωπος - (anthrōpos, o ser humano).

GUERRIERO, Silas. *Antropologia da Religião*, In: *Compêndio de ciência da religião*, PASSOS, João Décio; USARKI, Frank (Organizadores) – São Paulo/SP: Paulinas & Paulus, 2013

GUERRIERO, Silas. *Novos Movimentos Religiosos: o quadro brasileiro*, São Paulo/SP: Paulinas, 2006

LAUAND, Jean. *Opus Dei: os bastidores*, Campinas/SP: Editora Versus, 2005

LINDHOLM, Charles. *Carisma: Êxtase e perda de identidade na veneração ao líder*, Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar Editora, 1993

MACHADO, Maria das Dores Campos. *História das Ciências Sociais da Religião*, In: *Compêndio de ciência da religião*, PASSOS, João Décio; USARKI, Frank (Organizadores) – São Paulo/SP: Paulinas & Paulus, 2013

MARIANO, Ricardo. *Sociologia da Religião e seu foco na secularização*, In: *Compêndio de ciência da religião*, PASSOS, João Décio; USARKI, Frank (Organizadores) – São Paulo/SP: Paulinas & Paulus, 2013

WEBER, Max (1864-1920). *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, Volume I, Brasília/DF: Editora Universidade de Brasília (UNB), 2012

WEBER, Max (1864-1920). *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Apresentação e edição: Antônio Flávio Pierucci, São Paulo/SP: Cia das Letras, 2004

Recebido para publicação em 03-05-18; aceito em 15-06-18